

---

# AS CULTURAS JUVENIS A PARTIR DA PERSPECTIVA SOCIOESPACIAL E O CASO DOS “ROLEZINHOS” NOS SHOPPING CENTERS EM DUAS CIDADES MÉDIAS

## YOUTH CULTURES FROM THE SÓCIO-SPATIAL PERSPECTIVE AND THE CASE OF “ROLEZINHOS” AT THE SHOPPING MALLS IN TWO MEDIUM-SIZE CITIES

Élvis Christian Madureira Ramos<sup>1</sup>

---

**RESUMO:** Apresentamos alguns apontamentos sobre perspectiva socioespacial que aprofundam questões relacionadas à juventude, espaço e cultura. Para tanto, trazemos referências de alguns trabalhos e posicionamentos teóricos que abordam concepções sobre juventude e a espacialidade de grupos jovens na cidade. Por último, destacamos alguns resultados da nossa pesquisa de doutorado sobre jovens da periferia pobre onde descrevemos algumas práticas relacionadas às suas territorialidades e como estas mesmas práticas acabam se relacionando com outras dimensões da realidade social, como a relação local-global, centro-periferia e identidades.

**Palavras-chave:** Geografia. Socioespacial. Cultura Juvenil. Territorialidade.

**ABSTRACT:** We present some notes on socio-spatial perspective to issues related to youth, space and culture. Therefore, we bring some reference works and theoretical positions that address concepts of youth and the spatiality of youth groups in the city. Finally, we highlight some results of our doctoral research on poor youth who live in the urban periphery where we describe some practices related to their territoriality and how these same practices end up linking with other dimensions of social reality, such as local-global relationship, center-periphery urban and cultural identities.

**Key words:** Geography. Socio-spatial. Youth Culture. Territoriality.

### INTRODUÇÃO

Buscamos destacar algumas notas teóricas e parte de nossa experiência em torno da perspectiva socioespacial no que concerne ao estudo de grupos e culturas juvenis na cidade<sup>2</sup> e inserimos também neste trabalho, uma breve descrição de práticas juvenis que realizamos em duas cidades médias do interior do Estado de São Paulo (Bauru e Marília). Há neste trabalho, o esforço de incorporar a dimensão espacial nos estudos das questões sociais e culturais de nosso tempo. Ressaltar que as práticas, socializações e conteúdos simbólicos<sup>3</sup> dos sujeitos e grupos sociais estão em grande parte das vezes, enredada com diversos aspectos espaciais. Numa abordagem que destaca o espaço, como algo além de um suporte das relações sociais,

---

<sup>1</sup> Professor Rede Oficial de Ensino do Estado de São Paulo. Doutorando pela UNESP/Presidente Prudente, bolsista da FAPESP e membro da Diretoria Executiva da Associação dos Geógrafos Brasileiros, Seção Bauru - SP. E-mail: solelvis@gmail.com

Artigo recebido em setembro de 2015 e aceito para publicação em dezembro de 2015.

mas também produto delas. Em específico, estaremos nos inclinando às problematizações relacionadas aos movimentos, trajetórias, territorialidade e segregações socioespaciais na qual costumam estar inseridos muitos grupos e culturas juvenis na cidade.

Porém uma coisa é produzir informações e/ou analisar, por exemplo, as práticas dos jovens na periferia das cidades, através de um conjunto de referências espaciais e territoriais a qual elas estariam inseridas, onde o espaço apenas surge como pano de fundo. Porém, outra visão, embora complementar aquela, é entender como diferentes interações e sociabilidades de grupos sociais estão por trás da própria produção do espaço, na formação de territorialidades e na composição da própria paisagem. Temos em mente que essa segunda alternativa parece mais promissora, pois encara o espaço além de um receptáculo ou uma entidade já pré-estabelecida, mas um constituinte das mediações e produções das ações sociais.

Também é preciso pensar a sociedade, como algo além de uma concepção uniforme, generalizada em hierarquias rígidas e encaixadas<sup>4</sup> num panorama cultural estável, para uma sociedade múltipla em termos de um mosaico de grupos, movimentos e interesses, que nesta modernidade tardia constantemente se descentra e se desencaixa, como diria Hall (2002)

A sociedade não é, como os sociólogos [isto também poderia se estender aos geógrafos] pensaram muitas vezes, um todo unificado e bem delimitado, uma totalidade, produzindo-se através de mudanças evolucionárias a partir de si mesma (...) Ela está constantemente sendo ‘descentrada’ ou deslocada por forças fora de si mesma. p. 17

Ao se desarraigarem da noção de um sujeito social situado em crenças sempre fixas, também é igualmente necessário se desapegar do imobilismo espacial em que são geralmente vistos os grupos sociais. De concepções baseadas na estabilidade e no essencialismo, para um foco mais na dinâmica dos grupos e coletividades. Que em grande parte de suas existências estão mergulhadas em contradições, estímulos, desafios e que na vida social, por meio de relações externas, novas técnicas, podem atuar fora do local, cruzar e (re)significar diferentes espaços. Grupos que se movem e se territorializam com impactos em outros grupos, códigos, valores e consensos pré-estabelecidos. Às vezes, promovendo subversões às ordens existentes, criando múltiplas territorialidades e outras possibilidades de ação em diversas esferas da vida cotidiana.

Esta concepção menos fechada oferece a Geografia e demais Ciências Sociais uma abertura para outras discussões, como da própria identidade, já que se por princípio «todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólicos» (SAID citando por HALL, 2002. p. 71). E se não há uma concepção fixa de sujeito, pode-se abrir a compreensão sobre os jogos de identidades e de como o espaço comparece como constituinte destas construções identitárias. Neste sentido, menos fixo, é mais fácil conceber que as identidades podem ser estabelecidas não somente no lugar de sua origem e morada, mas também a partir de outros lugares ou no próprio movimento dos sujeitos sociais. Abrem-se oportunidades para se falar das redes, dos territórios e das escalas geográficas<sup>5</sup> e inseri-los nos debates que cercam estas questões no âmbito das ciências sociais e humanidades.

Estas visões, digamos mais abertas a outras narrativas originam-se de novos paradigmas em torno das ciências humanas, que não somente implicam uma virada cultural como também uma virada espacial. E nesse caso a Geografia tem muito a contribuir para questões que envolvem direta ou indiretamente, por exemplo: aspectos relacionados ao lugar, território, espaço e paisagem. Ou como sugere Gregory (1996, p.92) pensar, “que o discurso da Geografia se tornou mais amplo do que a disciplina”. O que nos desafia a entrar nas grandes e novas questões sociais de nosso tempo.

## A JUVENTUDE PELO PRISMA DA PLURALIDADE

Não apenas nos estudos acadêmicos, mas em meio às representações sociais, os jovens em geral foram tratados durante grande parte do século XX, como uma fração da população subalternizada ao mundo dos adultos, dependentes dos seus olhares, políticas e regras; vulneráveis às crises psicossociais, rebeldes, inconformados ou apenas alienados. Cada época e contexto histórico-social deu forma aquilo que passamos a entender por juventude e mais especificamente pela maneira como é ser jovem.

No contexto urbano, foram alvo de importantes pesquisas (WHYTE, 2005; CATANI, A.C; GILIOLI, S.P.G, 2008) passaram a ser vistos como parte das várias mudanças que se processavam na vida social nas metrópoles (prevalecendo uma visão negativa), assim como nos movimentos de vanguardas que se sucederam, de natureza política, cultural e social, como transgressores das normas e do *establishment*. Em cada época a juventude sofreu diferentes formas de tratamento, representação e estudos, pesando sobre ela, em geral, visões reducionistas e pouca afeição a pluralidade de suas práticas e modos de ser jovem (CATANI; GILIOLI, 2006; FEIXA, 2006).

Abramo (1997) no contexto brasileiro vai ressaltar as diferentes tematizações e representações que estudos e das políticas públicas foram construindo sobre diferentes gerações de jovens. Entre as várias representações, Abramo (1997) destaca que nos anos 1950 os jovens são identificados como rebeldes sem causa, desajustados. Já em outros períodos, a visão muda de acordo com o contexto político, assim o jovem dos anos 1960 são vistos como insurgentes e transformadores em relação à fase ditatorial da política brasileira, ganha destaque as agremiações e movimentos estudantis. Por sua vez nos anos 1980, período de crise econômica e democratização, a juventude é encarada com perfil mais individualista, pragmática no sentido de não construir idealismos e é acusada de ser consumista. Nos anos 1990 os jovens estão mais presentes nos meios de comunicação e são protagonistas de movimentos políticos como do *impeachment* do Presidente Collor, torna-se emblemático o movimento dos “caras-pintadas”. Nesse mesmo período surgem muitas representações na mídia, com imagens recorrentes de “jovens perdidos nas drogas” e da relação entre juventude e criminalidade. Onde eles aparecem em noticiários sobre pichações, depredação de patrimônio, gangues e no consumo de drogas.

Em geral são vistos como sujeitos heterônomos, isto é, “(...) como vítimas das lógicas do sistema e, nesse sentido, manipulados pelo destino, ou seja, sempre heterônomos, nunca autores reais de suas ações” (ABRAMO, p. 34). Atenção neles tende a recair frequentemente nos desvios, os desajustes e as transgressões. Devido a estas representações, para eles são requisitadas ações do estado, para fornecer educação, ensinar uma ética, dar-lhes oportunidade de emprego, sempre com intuito central, de torná-los preparados para herdar os valores do passado e serem os protagonistas do futuro da sociedade. Sem o preparo e monitoração do estado, são vistos como incapazes de formular alternativas para sociedade, pois são imaturos e constantemente manipuláveis. Desse modo, a juventude nada mais é que uma fase de transição para a idade adulta, como um ser em formação, uma promessa para o futuro.

Nessa transição, entra em cena a necessidade de uma moratória social ou tolerância da sociedade, onde os jovens teriam o direito a um tempo para seu desenvolvimento, antes de encarar a “vida de verdade”. E a noção de aproveitar o tempo, acaba sendo posta, no sentido de investir para o futuro (estudar, cursos, aprender valores). Para outros estratos da sociedade, essa moratória é muito curta ou inexistente, é o que parece forçosamente ocorrer com muitos jovens oriundos das camadas populares, que muito precocemente precisam trabalhar e abandonar as formas de lazer e amigos. Ou mesmo daqueles jovens

que se veem inclinados ou são forçados a estudar para uma carreira, em função da busca de alternativas melhores de vida, ou presos a laços familiares ou grupos que fecham a eles espaços e tempos para seus protagonismos e escolhas próprias.

Dayrell (2007) também destaca outra visão muito comum que se faz da juventude como um tempo tão-somente de prazer e liberdade. Representações que retratam o jovem como inconsequente e hedonista, que está preocupado consigo mesmo apenas e não contextualiza os problemas sociais que estão inseridos. Interessante que essa representação costuma ocorrer em vários filmes e campanhas publicitárias. O mesmo autor ainda destaca a visão da juventude como um momento de crise. Uma fase de muitas transformações e ajustes de personalidade, como se outras fases da vida também não ocorressem problemas e desafios também de ordem emocional e social.

No rol das visões sobre a juventude, não deve ficar de fora as concepções apoiadas em certos horizontes de análises que acabam se tornando unilaterais. Como as abordagens em torno dos antagonismos de classe, na qual as práticas juvenis seriam antes de tudo o reflexo das condições socioeconômicas, ou onde se costumam enxergar apenas a alienação da juventude, ou então, postas em termos de rebeldias, cujas ações e movimentos que realizam nada representam do que somente formas de resistência à ordem hegemônica da sociedade capitalista. Outro horizonte de análise é a geracional, cuja ênfase está em descrever e/ou opor formas distintas de socialização entre diferentes gerações. Privilegiado às rupturas, crises e conflitos de geracionais.

Isso não quer dizer, que as condições econômicas e as posições de classe não tenham importância no acesso aos tipos de consumo, mobilidade e renda. Que as segregações socioespaciais a que muitos jovens estão submetidos não deixam de ter impacto nos acessos e mobilidade na cidade. O mesmo pode se dizer das divergências entre as práticas juvenis e os receios dos adultos quanto as liberdades e autonomias que venham a representar estas práticas, nos vários espaços sociais, como escolar e do lazer. E tanto quanto às rupturas geracionais, não se deveria deixar de considerar as continuidades, quando se observa que a socialização de certos grupos juvenis pode seguir as normas sociais e certo conjunto de valores da sociedade em que estão constituídos (PAIS, 2003).

Outro tido de visão unilateral diz respeito aos estudos que privilegiam as representações, quer sejam representação de classe ou de segmentos da estrutura social. Apesar dos fenômenos sociais terem uma dimensão simbólica, Margulis (1996) destaca que os estudos culturalistas tendem acentuar apenas o viés do signo, o que pode resultar em análises fragmentadas, desconsiderando outras dimensões como a fática, material, histórica e política. Quer dizer que a juventude, sim, é constituída pela cultura e se insere num universo simbólico, mas, além disso, tem uma base material que é a idade. E a idade, por sua vez, está relacionada com aspectos culturais, modo de estar no mundo, de estar atrelada a uma temporalidade, o que é uma facticidade. E quando se coloca a idade dentro de um quadro histórico, então estamos falando de geração.

O problema com estas formas de unilateralidade é que impõe um plano de entendimento sobre a juventude sujeita apenas aos condicionamentos, ou então, em enquadramentos teóricos rígidos. O que deixa de fora estratégias e ações que são na realidade se articulam em vários níveis e instâncias ao longo das suas vidas no universo dos seus cotidianos. Desconsideram tanto a diversidade de suas concepções e projetos de vida, como o motivo de suas realizações e o significando de suas ações.

A juventude é reduzida a traços gerais de comportamento, de tendências e valores que mais tem a função de universalizar e essencializar a juventude, do que revelar em matéria de diversidade tudo aquilo que é ser jovem, que se materializa nos diversos contextos socioespaciais que estão presentes e atuantes. E é justamente deste ponto de partida, que os

ângulos se multiplicam quando a leitura da realidade juvenil, permitindo enxergar vários modos de ser jovem. Adquire importância os contextos onde se formam as culturas juvenis e se valorizam suas diversas práticas, como lazer, trabalho, escola. E o espaço acaba por emergir como uma dimensão de estudo e do entendimento destas diferenças e multiplicidades.

É diante desse quadro mais amplo, que Margulis (1996) propõe investigar a juventude nas várias situações sociais em que jovens estão inseridos, a partir de suas experiências e instâncias várias da realidade social. A juventude deve ser vista onde ela acontece e levando em conta seus múltiplos aspectos.

O olhar mais próximo das formas de sociabilidade juvenil, implica falar de táticas e apropriações territoriais, formas de interações mediadas pelo espaço, dos movimentos e das suas escalas geográficas em diferentes meios (urbano, rural, regional, periferia, área central etc.). Impõe falar do cotidiano vivido dos jovens, das suas expressões, negociações e maneiras de se apropriar dos velhos e novos códigos simbólicos. Como chegam a construir as suas trajetórias de vida. E entendendo com maior alcance os seus sonhos, práticas e os conflitos com outras realidades que se impõe no dia a dia.

Ao mirar no cotidiano, entendemos não apenas a rotina que se estabelece no cotidiano, mas, o esforço em captar uma zona fronteira ou intersticial pelas quais pessoas e grupos precisam negociar a todo momento com a linearidade das convenções e dos discursos para lidar com as novas demandas e necessidades que irrompem no dia a dia. Uma margem viva e ambivalente onde se dá o surgimento constante de novas formas culturais e que constitui diferenças entre o antes e o agora. Onde os jovens têm que traduzir seu mundo e ao mesmo tempo reinventar novas práticas, símbolos e formas de expressão para lidar com o presente e futuro.

Ainda que sejam bastantes significativos muitos destes avanços, eles não encerram as outras possíveis maneiras de apreender a diversidade juvenil nos vários contextos em que ela se faz presente. Assim como, sempre surgem questões específicas quando se confrontam a juventude em face de outros aspectos da realidade social, como da economia, lazer, tecnologia etc. De qualquer forma, a espacialidade tem um valor epistêmico que se faz na compreensão das diferenciações dos grupos e suas práticas em referência aos espaços sociais, nas diversas formas de apropriação e uso do espaço e do próprio reflexo destas apropriações num conjunto maior, com outros atores sociais e outras problemáticas, como sobre o direito a cidade<sup>6</sup>.

## **A PERSPECTIVA SOCIOESPACIAL NO ENTENDIMENTO DAS CULTURAS JUVENIS**

Na medida em que o passo é dado para encarar a multiplicidade das culturas juvenis em diferentes contextos socioespaciais, há também outro perigo, que é incorrer na tentativa em concebê-las como culturas ilhadas, sem qualquer vínculo com os outros contextos sociais, políticos e tecnológicos. O lugar acaba sendo pensado como para dentro, como uma história introvertida. Massey (2000) salienta que o sentido de lugar isolado e homogêneo cada vez perde a validade, pela narrativa de que o lugar, nos movimentos e interações que lhe dão forma, na verdade vem se mostrando mais multifacetados, pela luta e emergência contínua de novos atores e grupos sociais, ligados a gêneros, etnias, crenças e outras variedades de movimentos que reivindicam direitos e coexistência no espaço social.

Concomitante a esta emergência de grupos que buscam se afirmar, exercer direitos iguais e de livremente atuarem nos espaços, se observa uma “geometria do poder”<sup>7</sup>, pois, nem todos têm recursos e vantagens iguais de poder e autonomia para ditar a medida e

frequência de seus movimentos no espaço. As barreiras materiais e simbólicas se erguem sob várias circunstâncias econômicas e sociais, com diferentes implicações nas estratégias e de criatividade para serem transpostas. E os contextos, recursos e técnicas acabam tendo muita importância em como grupos se inserem de forma atuante e visível nos espaços sociais.

Em particular, os grupos e segmentos juvenis, sob condições díspares de renda, gênero, identidade e localização, acabam se colocando diante dessa geometria de poder de forma muito variável e suas expressões simbólicas e territorialidades expressam parte dessas estratégias. É aí que cresce a importância em saber até que ponto conseguem ou não romper as barreiras às quais estão submetidos. Como se posicionam e se mostram visíveis na cidade.

Em suma, a mobilidade, acesso e permanências nos espaços sociais por grupos jovens acontecem sob diversas formas de imposições econômicas, controles sociais e estruturas urbanas. E ao mesmo tempo, não é nada incomum, ocorrem de forma combinada em cada contexto. Além disso, as filiações identitárias, estilos culturais e como buscam se expressar e usar o tempo livre, também tem impacto nas suas específicas territorialidades, movimentações e permanências nos espaços.

Ao buscar ultrapassar estas concepções localistas e imóveis em torno dos grupos e interações juvenis, ainda resta destacar como analisar estas inter-relações no tempo e espaço, tendo em consideração as várias escalas que estes fenômenos acontecem. Podemos considerar inicialmente, ao nosso ver, o jogo de escalas quanto suas trajetórias que se alternam no cotidiano e nas relações transterritoriais em que estão envolvidos, isto é, identificando onde e como elaboram suas formas de mobilidade e acessibilidade. E de outro lado, até que ponto estão interligados com as culturas transterritoriais, como estas culturas que se formam em lugares diferentes e muitas vezes distantes, aterrissam nas localidades onde encontram jovens e grupos que as absorvem e as moldam sob circunstâncias e graus variados numa rede prévia de amizade e sociabilidade (TURRA NETO, 2012).

Outras considerações ainda podem ser feitas, como analisar estes processos de territorialidade ao longo de diferentes gerações, sob o rebatimento das transformações e ritmos da própria cidade (TURRA NETO, 2014). Como a mudança nos espaços de lazer, as estruturas urbanas, as disponibilidades de consumo, entre outros aspectos constituintes e dinâmicos da vida na cidade terão efeito na natureza das territorialidades e sociabilidade juvenil? Situando os jovens em outros contextos, outras perguntas surgem, por exemplo, como a tecnologia entra nestas relações internas e externas de um determinado grupo ou classe de jovens? De que forma o espaço é apropriado territorialmente e é identificado a partir de seu uso e produção. Quais transformações os próprios espaços sociais vão apresentar, em face, das relações e territorialidades juvenis?

Quer dizer que ao mesmo tempo em que o espaço acaba mediando diferentes possibilidades de relações sociais, ele é também modificado no seu conteúdo e representação social. Os grupos juvenis não apenas reproduzem, mas reelaboram os padrões, símbolos e produções que compartilham com outros grupos ou que derivam de agentes do mercado. Desenvolvem misturas e hibridações que alteram em significado em muitos casos, as propostas de usos dos espaços estabelecidos por outros agentes sociais, rasuram certas hierarquias espaciais (PAIS, 2005). Nesse sentido que os «conceitos de espacialidade e territorialidade conotam com relações de poder e capacidades de inclusão e de exclusão» (PAIS, 2005, p.58).

Como vemos os elementos espaciais são elementos determinantes, mas não determinações. Ou seja, na amplitude das suas próprias concepções de vida, nas escolhas que fazem, nas interações que estão sujeitos ou promovem ao longo de suas socializações, vão aprendendo e criando diferentes maneiras de lidar com os elementos determinantes do seu entorno. Substitui-se a visão dos jovens como sujeitos heterônomos, em prol de sujeitos

sociais que promovem seus fluxos e mediações. Sujeitos sociais móveis e criativos que são capazes de tramar e desenvolverem formas variadas de interações sociais, de buscar e elaborar referências estéticas, estilísticas e comportamentais sob diversas táticas e ações.

A tentativa de enxergar as culturas juvenis como meros espelhos da realidade social, cujas práticas e ações são previsíveis e somente derivativas do que já está posto, como reprodutores da ordem social, deixam de lado como mencionado anteriormente, aqueles interstícios e entre-lugares, onde se constrói o presente. Lugares e espaços que não são abrangidos pelas grandes narrativas ou teorias que preestabelecem o vir a ser (BHABHA, 2005; MASSEY, 2008).

Mesmo saindo do plano do cotidiano, não se pode ignorar que ondas vanguardistas na arte, tecnologia e mesmo nas contestações políticas também partem das culturas juvenis, a despeito dos juízos de valores e das resistências em considerar o efeito destes movimentos, alteram nossas cosmovisões de mundo e produzem reviravoltas nas mais diversas esferas da sociedade. A juventude também nos mais diversos contextos políticos e culturais, também são atores, capazes de estabelecerem outros marcos, fissuras e paradigmas que fazem da realidade social um processo sempre não-acabado. Uma dialética que se encontra na prática dos sujeitos, e que não acaba como síntese, mas que supera e/ou retrocede e que configura diferentes dinâmicas na sociedade (LEVEBVRE, 1991 [1968]).

Isso seria em essência a modernidade que não apenas da experiência de estar num mundo de mudanças, mas também a experiência reflexiva, de sentir e reformular as próprias práticas, muitas vezes negando-se a um fatalismo e uma única direção, mas reinventando modos e ações (GIDDENS, 1991; MASSEY, 2004). O que dá um caráter de imprevisibilidade para as experiências socioespaciais (MASSEY, 2004).

## ALGUNS ESTUDOS EMPÍRICOS COM ABORDAGENS SOCIOESPACIAIS

Como apontou Pais (2003, p.31) “a cultura juvenil requer um espaço social” e alguns trabalhos sobre o universo juvenil indicam empiricamente um campo de análise importante no alargamento da compreensão das juventudes quando se olha para a espacialidade. Por exemplo, numa ótica de apropriação, que condiz com o conceito de território, Cohen, citado por Feixa (1999)<sup>8</sup>, a partir de suas pesquisas etnográficas, destaca como as territorialidades tornam-se importantes no entendimento das práticas juvenis, apontando um vínculo visceral com o espaço social.

(...) la función de territorialidad la subcultura se enraiza en la realidad colectiva de los muchachos que de esta manera se convierten, ya no en apoyos pasivos, sino en agentes activos. La territorialidad es simplemente el proceso a través del cual las fronteras ambientales son usadas para significar fronteras de grupo y pasan a ser investidas por un valor subcultural. Esta es, por ejemplo, la función del fútbol para los skinheads. La territorialidad, por tanto, no es solo una manera mediante la cual los muchachos viven la subcultura como un comportamiento colectivo, sino la manera en que la subcultura se enraíza en la comunidad.

Essas “*fronteras ambientales*” constituem uma territorialidade, ou seja, uma maneira de pensar a experiência cultural dos jovens a partir de um espaço conquistado ou apropriado para vivenciar suas sociabilidades. A territorialidade neste caso, é um espaço com a função de viabilizar a existência e fortalecimento do grupo, mas, igualmente, dotado de valor e que o torna visível em uma sociedade.

Margulis (1997, p.10) reconhece que a pluralidade dos grupos e culturas juvenis toca nas territorialidades e são específicas quanto aos seus conteúdos no espaço:

En cada uno de estos géneros pueden reconocerse manifestaciones territoriales, formas de localización en el marco urbano, itinerarios. Estas localizaciones no son ajenas a su contenido ideológico y cultural ni a fenómenos de diferenciación social. También varían en cuanto a la condición de edad que requieren de sus concurrentes

Também pelo método etnográfico, Magnani (1992, 2000, 2005) privilegia as formas de sociabilidade nos espaços, pesquisando a realidade das práticas juvenis na metrópole, a partir das oposições que os jovens fazem dos espaços por onde circulam no bairro ou no centro da cidade. Sugere o conceito nativo de “pedaço”. Termo que surge entre os jovens como um ponto de referência nas relações entre os amigos, ou de modo mais categórico, como um:

(...) espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade (MAGNANI, 2000, p. 13).

Outras “categorias espaciais” vão surgindo, na medida em que Magnani (1992, 2000, 2005) observa as diferentes escalas e sociabilidades juvenis, sobretudo no lazer noturno, como a concepção de “trajeto”, que seriam os caminhos perpassados pelos jovens no âmbito da noturnidade. Quanto à ideia de “circuitos juvenis” diz respeito às trajetórias dos jovens, suas formas de encontro, festas e bailes. Como se organizam para os encontros, como circulam na cidade e se identificam nestes circuitos. A ideia de circuito juvenil<sup>9</sup> também abre a oportunidade para outras categorias analíticas, que são definidas pelas formas de uso e interações sociais, que se fazem em relação ao espaço.

Magnani (2005) também usa a concepção de “mancha de lazer”, para designar as ofertas de equipamentos urbanos, locais de consumo e ambientes de sociabilidade, que não necessariamente contíguos, mas que interligam diversos locais e “áreas centrais” de lazer da cidade, onde os jovens se encontram para o tempo livre. Já os locais específicos de consumo, territorializados pelo grupo, são denominados de “point”. Também são reconhecidos os “links”, ou seja, espaços reconhecidos por unir diferentes circuitos juvenis.

Essas formas de encarar a territorialidade juvenil, tanto de Cohen (*apud* FEIXA, 1999) como de Magnani (2000, 2005), atribuem mais atenção para as delimitações e formas de permanência no espaço pelos jovens.

Também é possível perceber uma valorização da dimensão espacial no trabalho de Castro (2004), quando aborda como os jovens vivenciam a cidade, como circulam pelo espaço urbano e como estes deslocamentos ajudam na decifração da cidade, e da possibilidade de uma maior autonomia. Destaca os efeitos da restrição desta mobilidade na vida dos jovens pobres, em termos de conquista de capital cultural. Embora não use propriamente o conceito de territorialidade, não deixa de ignorar que os jovens, em suas deambulações na cidade, também dão significado às suas práticas espaciais, por isso “que deslocar-se significa experimentar a materialidade do espaço recriando-a e dando-lhe sentido através da ação” (p. 72).

Próximo ao trabalho de Castro (2004), mas ressaltando os espaços heterogêneos de sociabilidade juvenil, Carrano (2002) faz ele mesmo os percursos juvenis na cidade, no sentido de identificar os vários contextos espaciais de encontro e interação de jovens na cidade de Angra dos Reis, Estado do Rio de Janeiro (como em bailes funk, bibliotecas, nas ruas, bairros e nos *shopping centers*). Observa em todas essas andanças e relatos, a existência de uma grande heterogenia de sentidos e práticas conferida pelas formas de sociabilidades juvenis nestes espaços.



Os espaços e tempos de lazer indicam como os jovens aprendem a usar diferentes estratégias e negociação com o outro. Por exemplo, no lazer noturno, às vezes os jovens têm que se apropriar de estratégias de sedução e desenvolver o que Carrano (2002) denomina de “jogos noturnos”. Ou seja, precisam educar o corpo em sua expressividade, afinar a percepção para a “(...) pluralidade de espaços que são variáveis, múltiplos, vivos e uns tantas vezes perigosos” (p. 48). Precisam ser “espertos” para não cair em armadilhas, saber ler os sinais e códigos, saber se colocar em diferentes situações.

Feixa (1998; 2000), no que se refere à atenção à dimensão espacial, vê as formas de itinerários e sociabilidade juvenil na cidade como formas de determinar novos significados espaciais, no sentido de que as práticas e usos do tempo livre, ao longo das gerações, tendem a revalorizar os espaços públicos. Além disso, o mesmo autor observa que as relações juvenis tendem a se ampliar num tipo de dinamismo concêntrico, ou seja, suas conexões vão se tecendo a partir do núcleo familiar, bairro até outras partes da cidade (FEIXA, 1998).

Quase na mesma linha de Feixa (1998), nas entrevistas e observações de Dayrell (2007), os estilos musicais e/ou culturais com os quais muitos jovens da periferia pobre se identificam, também acabam tendo impactos socioespaciais. São filiações identitárias que incentivam encontros, produções e apresentações artísticas, escapam do confinamento espacial que frequentemente estão submetidos. Como na reunião com os amigos, ao visitar lugares, combinar festas, construindo escalas e redes, que se sobrepõe e superam, em abrangência, os circuitos mais comuns do seu cotidiano, como do esquema casa-escola-bairro. Transitar entre diferentes bairros, indo a festas, shows etc., o que traz, como consequência, outras convivências e percepções da paisagem urbana, tudo isso ampliando sua rede de sociabilidade e abrindo possibilidades de novas territorializações na cidade.

Com destaque para as relações e conexões entre lugares e culturas juvenis, Turra Neto (2012a; 2012b), neste caso, a partir da Geografia, ao estudar grupos juvenis punk e hip hop em uma cidade média, articula a dimensão espacial e temporal, para relacionar o modo como os jovens, em diferentes gerações, desenvolvem suas atividades de lazer no tempo livre; e como as estéticas e culturas juvenis de outros centros urbanos se territorializaram na cidade. Ou seja, como se salta de uma sociabilidade comum e próxima fisicamente, para uma sociabilidade em rede e distante.

O autor introduz então, baseando-se em Canclini (1996), a ideia de transterritorialidade, para identificar que, através da apropriação de meios técnicos e contextos espaciais, as culturas juvenis transterritoriais desenvolvem sociabilidades bastante específicas nas localidades em que se realizam<sup>10</sup>. Acrescenta-se que este processo também é acompanhado das mudanças nas estruturas socioespaciais na cidade, que na longa duração abrange diferentes gerações e alteram as condições para interações sociais e oportunidades para estas transterritorialidades culturais (TURRA NETO, 2014).

Ao colocar as questões da sociabilidade e cultura juvenil no plano das pluralidades e das relações com outras escalas, tais como a relação local-global, podemos identificar processos mais amplos e articulações que unem as visões micro e macro dos processos sociais.

E é no espaço urbano, que estes processos se densificam, onde se tornam mais complexas, com diferentes relações de escala, negociações intergrupais, formas de reunião e conflitualidades. Processos socioculturais que podem ultrapassar a concepção de uma sociedade urbana como um conjunto de pessoas de círculos comuns, hierarquizados e organizados num espaço onde quase todos são visíveis. Como Bourdin (2011) destaca, a metrópole - e acrescentaríamos as cidades médias - cada vez mais se constituem de sujeitos enredados em grupos locais e não locais, muitas vezes sem relação de vizinhança, porém, multipertinentes a vários grupos e em vários lugares.

Há nessa visão uma vinculação com o conceito da multiterritorialidade (HAESBAERT, 2007), ou seja, a concomitante possibilidade de viver experiências em vários lugares, condicionando formas múltiplas de territorialização e movimento (ou territorialização no movimento). O jovem, tal como outros sujeitos sociais, pode incorporar significado aos múltiplos territórios, portanto, ampliar os aspectos funcionais do espaço, por exemplo, uma galeria comercial durante o dia pode-se constituir na noite, de fim de semana, em um *point* de jovens com suas expressões identitárias.

O que é importante destacar é que estamos diante de uma nova experiência espacial, em que as pessoas podem escolher e se interagirem num número crescente de grupos, que se formam na cidade, cujas referências podem ser deslocalizadas. Afinal, esses mesmos sujeitos e grupos sociais experimentam o uso e apropriação de vários espaços da cidade, constituindo-os em territórios com novas formas de tensão e conflito.

Deve-se também aqui atentar, para a dimensão política, pois se conecta com as formas como grupos que eram vistos em sua marginalidade espacial e social. Mas que agora podem “saltar escalas”, seja em face das possibilidades de consumo e mobilidade, ou mesmo de forma combinada, com o fato das cidades terem mais espaços de sociabilidade e consumo, que não se encontram distribuídos uniformemente, mas que promovem diversas concentrações.

Escalas móveis entendidas como uma permanente construção social e política (SMITH, 2000), visto que têm influência na visibilidade e encontro das diferenças na cidade. Seu significado político decorre do fato de que a condição e a transposição espacial dos grupos sociais segregados tornam-se fatores daquela nova experiência urbana que, apesar dos distanciamentos sociais e das novas formas de segregação, ainda apresentam interação entre os diferentes e desiguais e que resultam nos mais diferentes esquemas, conflitos e negociações na cidade.

Assim sendo, tudo parece indicar para o fato de que estamos diante de complexos esquemas de negociação e diferenciação socioespacial, que expressam, com outras roupagens, aquelas clivagens próprias das desigualdades socioeconômicas, que marcam as cidades brasileiras. Nesse sentido, o espaço social e a territorialidade passam a ser categorias inescapáveis que devem ser levadas em conta no estudo das práticas juvenis diante destas clivagens.

Em suma, os fazeres e modos de viver a juventude impõem um olhar mais próximo, para o espaço, assim como, para suas temporalidades. Implica falar de táticas e apropriações territoriais, formas de interações mediadas pelo espaço, dos movimentos e das suas escalas geográficas em diferentes meios (urbano, rural, regional, periferia, área central etc.). Impõem falar do cotidiano vivido dos jovens, das suas expressões, negociações e maneiras de se apropriar dos velhos e novos códigos que estão presentes em suas comunidades e panorama sociocultural.

## **A ESPACIALIDADE E TERRITORIALIDADE DOS JOVENS DA PERIFERIA POBRE**

Num sentido complementar as discussões que até aqui realizamos, trazemos alguns breves resultados de nossas pesquisas, um estudo comparativo sobre as práticas de lazer noturno de jovens da periferia pobre nas cidades médias de Bauru (SP) e Marília (SP). Nosso objetivo é de maneira modesta, dar algum relevo para alguns conceitos e possibilidades de tratamento que envolvem a confluência espacial e social nas práticas de grupos sociais, neste caso, para grupos e culturas urbanas juvenis.

Para alcançar algo além das descrições das formas, fluxos e ambiente dos grupos juvenis, visamos tocar no entendimento dos significados destas práticas socioespaciais.

O que tornou fundamental o propósito de interpretar a rede de significados em que estas práticas estão enredadas. Algo central neste tipo de estudo, pois não se está a descrever objetos materiais ou abstrações, mas pessoas que são movidas por intencionalidades, que constroem imaginários, reagem refletidamente e criativamente diante de diversos estímulos e injunções, como a partir das ofertas mercadológicas, das suas próprias capacidades de poder aquisitivo, das limitações de mobilidades etc.

Uma descrição densa<sup>11</sup>, que na visão de Geertz (1989) não somente escreve aquilo que se vê, mas que admite nossa construção narrativa a partir da construção dos próprios sujeitos a respeito de sua realidade. Uma narrativa centrada nas relações e na preocupação em desemaranhar as teias de sentidos e ações que são parte das práticas do grupo, em identificar suas estruturas conceituais e o significado dos seus jogos.

No caso estrito do recorte analítico da cultura juvenil que estamos pesquisando, é possível mostrar através das observações de algumas práticas socioespaciais, as articulações, tensões e implicações que envolvem jovens pobres da periferia, sobretudo na temporalidade do lazer noturno. Acompanhar no espaço-tempo as formações de espaços de sociabilidade juvenis relacionadas à indústria do lazer noturno, e de outro lado, na compreensão de como se definem a territorialidade e a sociabilidade destes jovens que frequentam outros espaços da cidade, principalmente as áreas centrais na noite. Ou seja, identificar onde estão e como ocorre o arranjo espacial das áreas de consumo de diversão noturna frequentadas pelos jovens e, segundo como é definido o conteúdo do lugar, enquanto práticas socioespaciais dos sujeitos que as frequentam.

Deve ser esclarecido que a própria concepção de periferia urbana, ao menos no caso brasileiro, vem sofrendo alteração, em razão das novas formas de habitar a cidade. Esta nova periferia vê surgir à fixação de habitações de alto e médio padrão residencial, atraindo cidadãos de segmentos sociais mais afluentes. O que não ocorre por acaso, já que se dão através de novos agenciamentos rentistas articulados com marketing imobiliário e projetos arquitetônicos que associam lazer e moradia, além de outro vetor expansionista que são a implantação de grandes superfícies comerciais, como *shoppings centers* e hipermercados na periferia.

E a periferia popular continua existindo, também complexa e sob diferentes dinâmicas de crescimento e infraestruturas. A periferia atual das cidades tem se constituído pelo encontro ou desencontro entre aqueles que possuem um poder de escolha e aqueles para os quais morar na periferia é uma condição compulsória de afastamento espacial, seja pela construção de núcleos habitacionais populares, desfavelamentos, ou por ocupações irregulares de áreas de risco. Persiste a lógica de distanciamento espacial – e ao mesmo tempo social. E para estes cidadãos, viver distante impõe gastos de tempo e recursos econômicos sempre limitados, ainda que maiores do que o que dispunham anos atrás.

Estamos diante, portanto, de espaços urbanos mais complexos e de novos padrões de segregação urbana, cujas tendências parecem apontar em direção a uma fragmentação socioespacial – ou seja, a um acirramento das desigualdades e da segregação (SPOSITO, 2007).

Para este trabalho, também chamamos atenção para temporalidade e a existência de uma “geografia da noite” que apresenta todo um enredo de relações sociais e práticas espaciais, mas num plano e conteúdo diferentes do período diurno, ainda mais se o objeto em tela é a cultura do lazer e diversão noturna, cuja diversidade de grupos, assim como as finalidades de encontro e a natureza dos fluxos é distinta da diuturnidade, afinal, geralmente na noite e aos finais de semana, os jovens não estão indo para o trabalho, não estão sob controles e repressões autoritárias, mas, ao contrário, querem se libertar das imposições, ir ao encontro de outros jovens, fazer seus próprios territórios, enfrentar os perigos e os prazeres que a “cultura da noite” (MARGULIS, 1997) costuma proporcionar.

Na opacidade da noite, também se tornam visíveis na cidade os conflitos e assimetrias entre grupos, assim como formas de segregação e estigmatização.

Foi a partir da geografia da noite e dos espaços de origens destes jovens, que primeiro buscamos identificar algumas continuidades e descontinuidades quanto às transformações da cidade e da inclusão/exclusão dos jovens da periferia pobre nos espaços de lazer. Identificamos que as gerações de jovens que moravam na periferia das cidades de Bauru e Marília nos anos de 1970, tinham pouca frequência no centro principal destas cidades, para curtir o tempo livre, as longas jornadas a pé eram comuns, ainda que fossem aos cinemas da época e tivessem contato com jovens de outros estratos sociais, era muito difícil ter acesso, por exemplo, aos clubes poliesportivos que neste período eram os centros de festividades e atividades de lazer mais badalados. Contudo, sabiam encontrar formas de lazer, muitas festas aconteciam nos bairros e as longas jornadas a pé em grupo de amigos era já uma diversão. São jovens que encontram no imprevisto e na companhia dos amigos diferentes formas de uso do tempo livre.

Nos anos de 1980 os centros de comércio das duas cidades foram se ampliando, ao mesmo tempo em que os espaços para o lazer começavam a se diversificar. Era o tempo em que a discoteca chegava nestas cidades, as rádios FM surgiam, com direcionamento de uma programação com muita música voltada aos jovens, além do aumento dos eventos festivos. Há também um aumento demográfico, com reflexo na dispersão urbana, surgindo diversos bairros periféricos, alguns muito distantes da mancha urbana.

Também neste período, que o transporte coletivo, ou os ônibus urbanos que ligavam os bairros da periferia ao centro urbano e a outros bairros, passam a ter um papel significativo na transposição de escalas para muitos jovens da periferia. Os jovens surgem em massa nos centros urbanos destas cidades. Durante a noite de final de semana, jovens de diferentes bairros, lotam as casas noturnas, para dançar e curtir o lazer entre amigos, junto com a “turminha”, ensaiam passos de dança, perambulam pelo centro e outros espaços de lazer. Os cinemas e casas noturnas de dança e música oferecem espaços para visibilidades destes jovens na área central.

Ainda nos anos de 1980, vai ganhando forma novos espaços de lazer e consumo na noite, novas avenidas e ruas no entorno da área central, passam a abrigar bares, restaurantes e até novas boates de dança. O circuito de lazer se amplia para todos os estratos juvenis. Mesmo na área central da cidade, há um maior número de pontos de encontro e curtição, uma diversidade de contextos espaciais onde se concentra a juventude boemia da cidade em comparação com décadas anteriores. Porém, se estabelece também novas segmentações na paisagem do lazer noturno, com espaços onde é maior o fluxo de jovens da periferia e outros onde é mais marcante a presença de jovens de classe média e alta. Nos espaços de lazer mais sofisticados, os estabelecimentos exigem maior poder aquisitivo para consumo de seus serviços e produtos. São casas noturnas e restaurantes que investem mais nos ambientes internos e fachadas, chamam atenção pelos estilos que tendem a imitar o que acontece nos grandes centros urbanos.

As oportunidades de encontro se ampliam, em parte por decorrência dessas novas centralidades de lazer noturno, em parte porque há mais circulação de jovens na cidade, sobretudo com a presença mais massiva de jovens da periferia na área central. Nos anos de 1990, tanto Bauru como a Marília, receberam grandes fluxos de estudantes universitários, em face da valorização da formação universitária entre os estratos médios da sociedade e por serem cidades que já desde os anos de 1970 vinham se consolidando neste setor terciário, com aumento da oferta de cursos, sobretudo aos cursos relacionados à saúde e ciências agrárias.

São jovens que vêm de várias partes do país. O que provoca não apenas alteração

no mercado imobiliário e de consumo na cidade, como na paisagem do lazer noturno. São jovens que tem um tempo livre maior e condições financeiras para gastar e se divertir durante a semana. O que provoca ampliação de ambientes de lazer noturno, festas, rodeios. É um período, contrastado com períodos anteriores, há maior consumo de bebidas alcoólicas. Jovens da periferia pobre passam a frequentar muitas destas festas e aumentar o consumo de bebidas alcoólicas.

A cultura de massa, relacionada às mercadorias e os imaginários em torno da publicidade associadas a produtos culturais e itens de consumo são mais onipresentes que períodos anteriores, tanto nas áreas de comércio tradicional, que abrigam lojas e estabelecimentos comerciais relacionados a franquias nacionais e globais, como nas grandes superfícies comerciais, como *shopping centers*, que se consolidam nestas cidades, como mais uma alternativa de consumo e passam a fazer parte do circuito de lazer de muitos jovens.

Há mais alternativas para o lazer, para todos os estratos juvenis. Os jovens das periferias encontram espaços específicos para curtir a noite, com temática sertaneja, pagode e rap. Durante o dia, encontram uma maior variedade de lojas onde podem comprar artigos de vestuário e acessórios que remetem às suas filiações identitárias ou de suas preferências de gosto.

A continuidade está na segmentação socioespacial, espaços que marcam não apenas as diferenças de conteúdo cultural, como também social entre os jovens. Período também que muitos jovens da periferia pobre, sobretudo, os jovens mais emancipados, adquirem veículos automotores, como carros e motos (sobretudo usados). Não dependem como os jovens da geração de 1980, apenas do ônibus urbano. Esses meios técnicos lhes dão maior poder de mobilidade e acessibilidade. Frequentar diferentes áreas de lazer noturno, compor encontros em lugares mais afastados e até mesmo visitar cidades próximas onde há feiras, festas e shows. Uma maior mobilidade que significa poder para exercer seus recursos e suas expressões.

Percebe-se também que nesta geração, a pluralidade de culturas juvenis, processo que era mais embrionário nos anos de 1980, torna-se mais cristalizado nos anos de 1990. São jovens que se fragmentam em grupos em torno de estilos musicais, esportes radicais, tribos urbanas e preferências estéticas. Aderem ao punk, heavy metal, rap, skate, rock, pagode. Uma variedade maior de estilos e hibridações passam a acontecer. A periferia também está mais aberta às conexões com culturas transterritoriais. Em muitos bairros a internet surge por meio de *lan houses*, há mais incentivo da política municipal para festas e organização de shows nestes bairros, como em Bauru, que contou com o projeto do “caminhão palco”, forma itinerante para levar shows e festas na periferia. Tornando possível grupos de rap e outros estilos musicais se apresentarem.

Porém esta maior mobilidade e um circuito mais amplo para diferentes atividades no tempo livre, não anulou o fato de que os jovens pobres da periferia que moravam distantes das áreas de maior lazer e consumo, continuassem a precisar romper barreiras espaciais, como a distância, assim como criar táticas para expressar seus estilos culturais e estabelecer suas territorialidades. O que se verificou é que a partir dos anos de 1990, a mobilidade e o uso das tecnologias, como das redes sociais permitiram cada vez mais formas de compartilhamento de informações. Aumentando a possibilidade destes jovens estarem mais visíveis nas áreas centrais, de compor grupos de interesses, fazer seus próprios circuitos de lazer e divulgar suas festas e encontros.

Estes jovens vão desenvolvendo uma territorialidade no movimento e saltam escalas que lhes permitem estar presentes nos centros de lazer destas cidades. O que não quer dizer que as barreiras foram anuladas, há necessidade de investimento de energia física, tempo

e dinheiro para estarem entre seus grupos de pares, nos espaços disponibilizados para o encontro e a festa. Muitos trabalham durante o dia e a renda da família é baixa, isso vai se refletir tanto na sua autonomia de eleger seus locais de encontro e diversão, como na frequência de seus deslocamentos, uso de seu tempo livre e do seu consumo cultural.

Outro aspecto a ser ressaltado se relaciona com as trajetórias destes jovens pobres que passaram a cruzar e permanecer com mais frequência nos espaços de lazer ocupados por grupos de estratos sociais mais afluentes, mas não com as mesmas vantagens e status.

No caso das duas cidades pesquisadas, o que se revela é que as territorialidades mais amplas e flexíveis construídas pelos jovens da periferia criam as vezes tensões, são diferenças de tratamento, consumo e práticas, cujos aspectos simbólicos e políticos desse processo leva a refletir sobre o direito a cidade e a existência ou não de uma coesão social. Entre os vários grupos juvenis da periferia e seus papéis que observamos, destacaremos aqueles papéis que fazem fluxo e concentração nos *shopping centers* e que demonstram faces dessa tensão.

Em geral, são jovens adolescentes da periferia que passaram a se deslocar em grandes contingentes para dias específicos dos *shoppings centers* destas cidades, principalmente nos dias onde o preço do cinema, por exemplo, é mais barato ou nos fins de semana após o trabalho. Nestes dias, que podem variar entre os *shopping centers* e as cidades, são comuns as referências estigmatizadoras a estes jovens da periferia, como é chamado de forma pejorativa, em alguns de nossos registros do diário de campo, como “o dia dos manos”. Jovens que antes eram vistos como distantes e apartados do espetáculo da cidade, tornaram-se mais visíveis e circulantes na cidade. Nos dias onde é maior a presença destes jovens, proporcionalmente é mais intenso a atenção e monitoramento dos seguranças destes *shopping centers*.

Há uma conexão geracional e de práticas, em relação a presença maciça destes jovens nestas grandes superfícies de consumo e com o fenômeno social dos papéis dos jovens da periferia que se territorializam em *shopping centers* de algumas cidades metropolitanas, também chamado de “rolezinho”. E que se transformou num debate acerca de controles sociais no espaço privado, de quem pode estar nestes espaços e nele compor uma esfera pública. Ou ainda que grupos podem ou não ter o privilégio de estarem visíveis no espaço. Neste caso, uma questão política, porque implica a livre territorialidade e expressão e o direito de livre circulação e expressão cultural na cidade.

A maioria destes jovens das camadas populares, consomem pouco nestes *shopping centers*, mas fazem desse espaço um território de identificação com sua presença e sociabilidade, ainda que não sejam o público ideal esperado. Para muitos jovens adolescentes estar neste espaço privado de consumo é a apoteose para sua máxima expressividade corporal e estética, é estar no “*swag*”<sup>12</sup>, como disse nosso informante no *shopping center* de Bauru. Ali podem se identificar com certos valores, gostos e estilos.

Em outras palavras, cada produção estética do corpo, denota uma particularidade visual e códigos que visam de alguma forma chamar atenção. Mas também remetem a símbolos e referências globais. Desde símbolos dos times de basquete estadunidense às marcas de grifes famosas, relacionadas a outros esportes com circulação global. Alguns destes jovens também usam camisetas com símbolos de rebeldia, com apologia à maconha e *slogans* relacionados ao mundo da contravenção. Se estabelece um tipo de mixagem estética entre uma cultura de massa, mediada pelo mercado, com um sentido cosmopolita que é absorvida por estes jovens e de outro lado, estes mesmos jovens criam particularidades, ao desenvolverem uma combinação sincrética-eclética com outros elementos culturais mais alternativos, numa atmosfera *freestyle*<sup>13</sup>.

Muitas das práticas socioespaciais destes adolescentes se distanciam do esperado

em termos de consumo, no seu sentido aquisitivo, de gastar o produto ou obtê-lo. A grande maioria não está em condições de comprar aquilo que vê nas vitrines, muitos ainda não trabalham e poucos recebem as mesadas, valor em dinheiro que jovens da classe média estão mais acostumados. Mas, é fato que fazem deste cenário local para outros fins e práticas. É a oportunidade para encurtar as distâncias físicas com jovens de outros bairros, de conhecer outras jovens e jovens com mesmos interesses, de fazer amizades e de enfim, viverem sua geração compartilhando do mesmo espaço.

Um espaço que viabiliza a sociabilidade do contato físico, da troca de olhares, dos comportamentos que ganham tridimensionalidade, pois, não mais estão reduzidos as fotos e exposições nas mídias sociais. Na verdade, é o espaço que num sentido inverso, vai alimentar comentários e imagens nas diversas redes de compartilhamento, isto é, vai dar conteúdo a estas mídias. Os jovens vão aprendendo a conviver com estas mídias no sentido de sua alteridade, assim, sempre estão renovando seu conteúdo, seu perfil público na sua página pessoal do *Facebook*.

O *shopping center* acaba sendo um cenário que possibilita produzir “*selfies*” (autorretratos tirados dos smartphones) cujo pano de fundo pode ser uma vitrine, ou com o amigo ou amiga na praça de alimentação. Mais que uma foto de recordação, ou um objeto visual com fim em si mesmo, as fotos são o meio mais importante para registrar que não somente a jovem ou jovem “esteve lá”, como também “o modo como esteve lá”. As fotos e autorretratos constituem objetos que serão visualizados, alimentar o conteúdo das mídias sociais e dependendo do lugar e quando, pode ajudar a dar projeção a sua imagem construída.

Os jovens do “rolezinho” usam todos os recursos do *shopping center*, como a iluminação, a limpeza, os reflexos das vitrines e espelhos para dar visibilidade aos seus corpos, estilos e expressões. Tudo é, num certo sentido, feito tendo em consideração como serão vistos pelos outros, as curtidas nas mídias sociais que terão e a fama que podem adquirir.

Temos assim, a partir das práticas socioespaciais que se realizam no *shopping center* um acréscimo de predicado, de um espaço privado e comercial para um espaço vivencial, cuja importância se estende em termos de convivência geracional. Não se pode dizer que são práticas socioespaciais transgressoras, ou que alcançam o patamar de uma singularização radical como destacam Guattari e Rolnik (1996), ou seja, processos e práticas que escapariam às manipulações capitalísticas, mas também não se pode deixar de salientar, que perfazem nestes espaços outras construções de sentidos e modos de socialização.

Seus jogos e investidas ao ocorrerem geralmente à margem dos olhares e monitoramentos de seguranças e comerciantes. Ou ainda ao reinventarem outras formas de se territorializarem neste espaço apesar de constringente, embora não seja necessariamente uma resistência ou inconformismo do tipo “rebelde”, provocam em certo sentido, uma recontextualização que tem o significado de questionar a funcionalidade imposta, para uma multifuncionalidade que vem de baixo, em relação a estas grandes superfícies comerciais nas cidades. E isso não é pouco, pois colocam os jovens da periferia no centro da questão da diversidade dos usos coletivos dos espaços sociais.

A territorialidade dos jovens do “rolezinho” não se restringe a este espaço, também é usual saírem do *shopping center* para irem a lugares próximos, onde buscam ter maior privacidade, e claro, onde se é possível prolongar o namoro ou o “amasso”<sup>14</sup>, alguns deles realizam tais encontros, na parte externa do shopping, outros costumam marcar encontros defronte à entrada. Outra finalidade para estas saídas é para resolver divergências, “acerto de contas”, ou seja, se existem coisas mal resolvidas nas redes de compartilhamento na internet, ou mal-entendidos produzidos por fofocas, é no final de semana que resolvem estas questões.

Tal como Carrano (2002) observou em sua própria pesquisa, os jovens não estão

dispostos a substituir um espaço pelo outro, ou seja, o do shopping pelo da rua, pelo espaço público. O espaço público ainda continua sendo um espaço de reunião para eles, aberto e num certo sentido, livre de controles (pelo menos aparentemente, já que a polícia sempre está rondando suas territorialidades). Isso significa que as territorialidades juvenis não são imunes nem as injunções mercadológicas, como também aos conflitos e relações de poder na cidade.

Em suma, ilustramos com esta breve descrição, que não se pode perder de vista, outros elementos que mudam a face de como culturas juvenis, mais especificamente de grupos jovens da periferia pobre tornam-se visíveis ou não na cidade e em quais contextos suas práticas socioespaciais se inserem na cidade. Os elementos da mobilidade; a alteração da estrutura e centralidades do tecido urbano; o acesso as tecnologias de comunicação e informação, assim como, as maneiras como estes jovens absorvem e refletem suas identificações estéticas e culturais se projetam em diferentes planos da realidade social e política da cidade.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As novas perspectivas que se abrem ao entendimento da juventude, precisam considerar a importância do espaço e outros aspectos socioespaciais. São aberturas para novas alternativas teóricas e metodológicas sobre os modos como os jovens se apropriam do espaço e de como criam suas territorialidades. O que parece contribuir para o alargamento da compreensão das culturas e grupos juvenis na diversidade de suas experiências. A partir da valorização do espaço, pode-se abranger as relações interescares local-global, as formas de territorialidades e mesmo o peso das transformações urbanas nas práticas socioespaciais desses grupos e culturas. A maneira como a questão da juventude vem sendo enfrentada, apesar de renovada, como mostra muitos trabalhos, na maior parte das vezes, deixa em plano inferior a questão das técnicas, da articulação do lazer com o espaço, do papel político das culturas juvenis na cidade. Não somente estas questões, mas outras também, que poderiam ser mais exploradas a partir do foco na espacialidade.

## **NOTAS**

2 Alguns ideias e resultados neste trabalho constam nos Anais do VII Simpósio Paranaense de Pós-graduação e Pesquisa em Geografia, com o título: *Algumas considerações sobre a cultural juvenil na perspectiva socioespacial e territorial*. Ano 2015.

3 Por conteúdo simbólico usamos o entendimento de Thompson (2011) que se refere a todo material significativo partilhado, fixado e transmitido através de outras diferentes formas simbólicas (letras, grafites, expressões gestuais etc.) e meios (mídias sociais). As formas simbólicas têm importância central na vida social, por meio delas, as pessoas praticam ações, intervêm no curso dos acontecimentos, e podem formar capital simbólico, com vistas a terem prestígio, reconhecimento e poder.

4 Ao contrário disso, Giddens (2002) “entende que a vida social moderna é caracterizada por profundos processos de reorganização do tempo e do espaço, associados à expansão de mecanismos de desencaixe — mecanismos que descolam as relações sociais de seus lugares específicos, recombina-as através de grandes distâncias no tempo e no espaço. A reorganização do tempo e do espaço, somada aos mecanismos de desencaixe, radicaliza e globaliza traços institucionais preestabelecidos da modernidade; e atua na transformação do conteúdo e da natureza da vida social cotidiana” p. 10.

5 Smith (2000) fala das diferenças espaciais, pensadas, a partir, das escalas (corpo,



casa, cidade, região, estado-nação) mas, reforça, pensá-las não como apartadas, e sim, em sua vitalidade que é suas conexões. As escalas se interpenetram, o que causa alterações, modificações em seus conteúdos, ou seja, nos lugares, nas relações sociais, na cultura. Essa opção faz pensar as escalas como encaixadas do que comumente vistas na cartografia como hierarquizadas.

6 Expressão oriunda das reflexões de Lefebvre, sobretudo a partir do livro “Direito a cidade” (LEFEBVRE, H. O Direito à Cidade. São Paulo: Centauro, 2001), que nas palavras deste pensador deve se manifestar como “(...) forma superior dos direitos: direito à liberdade, à individualização na socialização, ao habitat e ao habitar. O direito à obra (à atividade participante) e o direito à apropriação (bem distinto do direito à propriedade) estão implicados no direito à cidade”

7 Geometria do poder, conceito extraído de Massey (2000) em que diferentes grupos sociais com seu recursos têm diferentes maneiras de experimentar e controlar sua posição no âmbito dessa compreensão espaço-tempo.

8 Cohen, Phil. Subcultural conflict and Working Class Community. In. Working Paper in Cultural Studies. University of Birmingham, n.1, p. 26-27, 1972

9 Mas é prudente salientar, que Magnani (2005) frisa, em seus trabalhos, mais as formas espaciais que os jovens, em seus movimentos e aglomerações, grafam no espaço urbano, valorizando as permanências, pontos de encontro e inserções no lazer. Por isso, propõe de forma complementar, ou às vezes em contraposição, o emprego do termo “circuitos juvenis”, para indicar a mobilidade para além do próprio pedaço. O autor, inclusive, prefere falar em circuitos juvenis do que de tribo ou culturas juvenis – conceitos que considera inadequados. Para nossa pesquisa, achamos possível combinar as duas propostas, a partir de um enfoque socioespacial das juventudes na cidade, ou seja, tentando articular as escalas de movimentos, itinerários dos jovens, com seus estilos e formas de consumo juvenil, que se fixam na cidade.

10 Não deixa de ser, nos termos de Giddens (2003), um mecanismo de desencaixe, ou seja, descolamento das relações sociais dos contornos locais e a rearticulação através de outras partes do espaço-tempo.

11 A descrição densa é uma forma de tratamento que para Geertz (1989) busca se aprofundar nos significados das práticas dos sujeitos, indo além do prático-sensível.

12 *Swag* é um termo da gíria inglesa muito usada nas redes sociais que revela a forma como uma pessoa se apresenta, significa um estilo, aparência, ou atitude e consiste em uma versão alternativa da palavra “legal” ou “maneiro”.

13 O que chamamos de cultura *freestyle* compõe inúmeras variações, improvisos, movimentos que vem da rua, influências que se originam de outras culturas juvenis, como o hip hop, bicicross (BMX), skate, rodas de rima, etc. Em geral, o *freestyle*, pelo que ficou entendido em algumas entrevistas, não é uma cultura no sentido que se estende a um grupo em específico, mas, um conjunto de práticas animadas num espírito que busca fugir de regras e convencionalismos dominantes

14 Gíria muito sugestiva, já que os jovens se abraçam e se beijam saindo praticamente com as roupas amassadas do breve, mas intenso encontro de troca de intimidades e carícias. O “amasso” pode-se dizer que é uma entre outras etapas de aproximação entre os jovens e com forte conotação sexual

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. *Revista Brasileira de Educação*. n. 5 e 6, p. 25-36, mai.-dez. 1997.
- BHABHA, H. K. O local da cultura. Ed. UFMG: Belo Horizonte, 2005.
- BOURDIN, A. Urbanismo depois da crise. Lisboa: Livros Horizontes, 2011.
- CANCLINI, N G. Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- CARRANO, P. C. R. Os jovens e a cidade: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro. Relume Dumará: Faperj, 2002.
- CASTRO, L.R. A Aventura Urbana: crianças e jovens no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7Letras/Faperj, 2004.
- CATANI, A. C.; GILIOLI, S. P. G. Culturas juvenis: múltiplos olhares. São Paulo: Editora UNESP, 2008.
- DAYRELL, J. A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude em Belo Horizonte. São Paulo: USP/FE, 2001. 401pf. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.
- DAYRELL, J. O Jovem como sujeito social. In: FÁVERO, O; SPÓSITO, M; CARRANO, P; NOVAES, R. (Org.). *Juventude e Contemporaneidade*. Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. p. 155-179. (Coleção Educação para Todos, 16).
- FEIXA, C. P. La Ciudad Invisible: Territorios de las culturas juveniles. In. MARGULIS, M et al (org). *Viviendo a toda: Jóvenes, territorios culturales y nuevas sensibilidades*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Departamento de investigaciones Universidad Central, 1998, p. 83-111.
- FEIXA, C. Jóvenes, banda y tribus. *Antropología de la juventud*. Barcelona: Editorial Ariel, 1999
- FEIXA, C. Generación XX. Teorías sobre la juventud en la era contemporánea. *Rev. Latinoamericana de Ciencias Sociales, Niñez y Juventud*, v.4, n. 2, p. 21-48, 2006.
- GIDDENS, A. As consequências da modernidade. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- GEERTZ, C. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989.
- GREGORY, D. Teoria social e Geografia Humana. In: Derek Gregory, Ron Martin e Graham Smith (org.). *Geografia Humana: sociedade, espaço e Ciência Social*. Trad. Mylan Isaack. Rio de Janeiro: Zahar, 1996, p. 90-122.
- GUATTARI, F; ROLNIK, S. *Micropolítica. Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1996
- HAESBAERT. R. Território e Multiterritorialidade: um debate. *Rev. Geographia*. Ano IX, n.17, p. 19-46, 2007.
- HALL, S. A identidade cultural na pós-modernidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro, 11 ed. Rio de Janeiro: DP&A,(1992) 2002.
- LEFEBVRE, H. A vida cotidiana no mundo moderno. São Paulo, Editora Ática, 1991[1968]
- MAGNANI, J.G.C. Da periferia ao centro: pedaços e trajetos. *Revista de Antropologia*. São Pau
- MAGNANI, J.G.C. “Quando o campo é a cidade: fazendo Antropologia na metrópole”. In: MAGNANI, J.G.C e TORRES, Lilian (org.). *Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Edusp, 2000. p.12-53.
- MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, São Paulo, v. 17, n.

2, nov. 2005.

MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. La juventud es más que una palabra. In: In: (Org) MARGULIS, M. La juventud es Más Que una Palabra. Buenos Aires, Biblos, p. 11-29, 1996

MARGULIS, M. La cultura de la noche. In: \_\_\_\_\_ La cultura de la noche: La vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires. Buenos Aires: Ed. Biblos, 1997.

MASSEY, D. Um sentido global de lugar. In: Arantes, Antônio (org). O espaço da diferença. Campinas: Papirus, 2000. p. 177-186.

MASSEY, D. Filosofia e política da espacialidade: algumas considerações. Rev. Geographia, Niteroi - UFF, ano VI, n.2, p. 7-23, 2004.

MASSEY, D. Pelo espaço: uma nova política da espacialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008. 312 p.

PAIS, J. M. Culturas juvenis. Imprensa Nacional - Casa da moeda, 2 ed. Lisboa, 2003.

PAIS, J.M. Jovens e cidadania. Rev. Sociologia: Problemas e práticas, n.49, 2005, p. 53-70.

PALLARÉS J. G. ; FEIXA, C. Espacios e itinerarios para el ocio juvenil nocturno. Rev. Estudios de Juventud, n. 50, p. 23-41, 2000

SMITH, N. Contornos de uma política espacializada: veículos dos sem teto e produção de escala geográfica. In: ARANTES, A. A. (org.). O espaço da diferença. São Paulo: Papirus, 2000, p. 132-175.

SPOSITO, M.E.B. Reestruturação urbana e segregação socioespacial no interior paulista. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, nº 245, v. 21, agosto. 2007.

TURRA NETO, N. Juventudes e territórios na cidade. In: PASSOS, M. M. dos.; CUNHA, L.; JACINTO, R. As novas geografias dos países de língua portuguesa: paisagens, territórios e políticas no Brasil e Portugal. São Paulo: Outras Expressões, 2012. p 425-433.

TURRA NETO, N. Múltiplas trajetórias juvenis: territórios e rede de sociabilidade. Jundiaí, Paco Editorial, 2012.

TURRA NETO, N. A noção de geração no estudo das transformações do espaço urbano: contribuições e práticas culturais na produção da cidade. In: OLIVEIRA et al (Org). Geografia Urbana: ciência e ação política. Rio de Janeiro: Consequência, 2014, p. 317-342.

WHYTE, W. F. Sociedade de esquina. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.